

ÁLVARO MOREYRA: UM ARQUIVO DELICADO¹

Joëlle Rouchou²

RESUMO

O pequeno arquivo revela parte da vida de Álvaro e Eugênia. Há cartas, fotografias de vários períodos da vida do casal e uma impressionante coleção de jornais que dão conta de dois momentos dramáticos da vida dos dois: um acidente de carro e a morte de Eugênia. Na verdade, com um olhar mais atento, é possível se dizer que o arquivo de Álvaro é o arquivo de Eugênia compilado por Álvaro. Vamos entrar no arquivo do escritor e poeta e perceber um pouco de sua vida privada, sua correspondência e seus afetos.

Palavras-chave: Álvaro Moreyra. Eugênia Moreyra. Arquivos pessoais.

Álvaro Moreyra: the delicate archives

ABSTRACT

The small archive reveals part of the life of Álvaro and Eugênia. There are letters, photographs from various periods of the life of the couple and an impressive collection of newspapers which show to dramatic moments in the life of both: a car accident and the death of Eugênia. In fact, with an attentive eye, one perceives the archives of Álvaro are really those of Eugênia composed by Álvaro. We enter through the archives into the life of the writer and poet and see a little of his private life, his correspondence and his affections.

Keywords: Álvaro Moreyra. Eugênia Moreyra. Personal archives.

¹ Texto apresentado no congresso do Intercom, em 2009.

² joelle@rb.gov.br

“Eu, de minha parte, sempre quis ser, sem premeditação, o que finalmente vi que era - jornalista. Já fiz versos, já escrevi peças, mas no fundo eu sou o que sempre desejei ser - jornalista. Para estar em contato com o povo e com a vida.”

A frase é do acadêmico Álvaro Moreyra encontrada em recortes de jornais e fotografias que fazem parte do seu arquivo recentemente doado à Casa de Rui Barbosa. Não há registro do nome da publicação, apenas o título “Eugênia Moreyra salvou o esposo de ser ‘imortal’” e o número da página: 5. O que chama atenção em sua fala é a assunção de ser um jornalista, ele que sempre foi dedicado às letras, um elogiado poeta simbolista e autor de vários livros de diferentes gêneros. Álvaro quer ser reconhecido como jornalista, uma profissão nem sempre bem vista e especialmente nas primeiras décadas do século XX um campo ainda em construção no panorama cultural da sociedade. A revelação se dá ao iniciar uma pesquisa no arquivo particular de Álvaro.

O pequeno arquivo revela parte da vida de Álvaro e Eugênia. Há cartas, fotografias de vários períodos da vida do casal e uma impressionante coleção de jornais que dão conta de dois momentos dramáticos da vida dos dois: um acidente de carro e a morte de Eugênia. Na verdade, com um olhar mais atento, é possível se dizer que o arquivo de Álvaro é o arquivo de Eugênia compilado por Álvaro. Um marido apaixonado até depois da morte da esposa. O volume de recortes divide-se em 22 sobre Eugênia e 10 sobre Álvaro; do acidente de carro que sofreram são 7 recortes e sobre a morte dela impressionantes 79, além de 209 peças referentes aos recitais de poesia dela. Chama atenção a importância do registro de memória passar por páginas de jornais, recortes específicos construindo parte de sua biografia, tenazmente ligada à de Eugênia.

Se o projeto de construir um arquivo pessoal pode ter uma ligação com o desejo de escrever uma autobiografia, como sugere Artières³ em que o sujeito coleciona resquícios de eventos prazerosos, tristes, importantes, como que para estabelecer um diário de sua vida, Álvaro poderia estar juntando elementos para sua futura autobiografia, **As amargas não...**, lançada em 1954. Sua autobiografia escrita em forma de tópicos contando fragmentos de sua vida num estilo quase telegráfico, que hoje poderia ser considerado com o um texto para internet. Trechos rápidos, textos acelerados e muita

³ ARTIÈRES, Philippe **Arquivar a própria vida** <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>, acesso junho 2009

poesia. É uma trajetória de vida contada em parágrafos suaves. Ele próprio faz referência a seu diário, numa passagem em que conta a morte de Sarah Bernhardt: “Sarah Bernhardt morreu em 1923. Está aqui no meu diário, ‘26 de março de 1923’ (MOREYRA, 1954:254), o que acompanha a linha de raciocínio de Artières que estuda a relação íntima entre montar um arquivo pessoal e escrever uma autobiografia. Em **As amargas não....** Álvaro dedica quatro páginas à perda de Eugênia, numa prosa com sons de poesia, marcando a data fatídica do falecimento de sua amada:

16, junho, 1948 – Eugênia morreu. Nossa vida durou trinta e quatro anos. Foi uma vida grande. Tivemos oito filhos. Dois não cresceram: Waldo, Maria da Graça. Os outros estão junto de mim: Ysia, Sandro, Luciano, João Paulo, Álvaro Samuel, Rosa Marina, Colette. Nossos netos: Ana Maria, Elisabeth, Paulo, Álvaro José, Maria Beatriz, Wladmir, Mario. (op.cit.:254)
 (...) E está no fim. Foi uma casa um pouco extravagante, mas sincera, feliz. Casa de todos. Sempre com lugar. Eugênia dizia: – Nossa casa é de elástico. – Casa original. Em vida. Morta, vai ser também “edifício”. Rua Xavier da Silveira, número 99... (id:266)

Em seguida utiliza-se do seu arquivo pessoal e dos recortes que guardou e reproduz texto publicado no **Diário Oficial** com a data do dia 18 de junho de 1948, em que Osório Borba pede um voto de pesar pela morte de Eugênia,

7, outubro – Eugênia, companheira, esta é a primeira carta que te escrevo depois daquela tarde fria. Foi ontem? Quando foi? Ainda não sei, não sei. Sei que a tarde caía e era uma tarde fria. Todas as flores da cidade se juntaram sobre o teu corpo que era frio como a tarde. Lá dormindo, mas não com a cabeça deitada no meu ombro. Lá sozinha e tão triste! Que sono longo! Que sono imenso e teu último sono! Levaste no teu sono o meu sono também. Nunca mais, sem nós dois, pude dormir, Eugênia. A vida sem nós dois é uma noite de insônia. Eu lembro de ti como de um sonho bom”.
 (MOREYRA, 1954: 257)

A morte de Eugênia aparece como profunda tristeza no arquivo de Álvaro. A quantidade de fotografias, os recortes de jornais avalizam a admiração – chamaria de amor – do autor por sua mulher. Sua autobiografia já identifica que seu livro de memórias não se quer um relato triste e saudosista, ao contrário,

ele pretende enfatizar pontos otimistas da vida. É um poeta avesso ao spleen, no sentido em que combate as nuvens negras do rancor e do pessimismo. Ao mau humor e às desavenças, Álvaro aplica poesia e um lado alvissareiro da vida. Ao abrir suas lembranças – subtítulo de **As amargas não...** – lembra de sua mãe, que morreu quando ele ainda era muito jovem, sem rancores, mas com ternura. “A primeira mulher a quem chamei: – Minha...”(idem:10).

Os recortes de jornais, a montagem de seu arquivo parecem servir como uma cola para sua memória, como diários construídos. De fato, diários também são uma forma de escrita de vida. É como um contrato que se estabelece com sua vida e uma tentativa de imortalizá-la, de oferecê-la a seus sucessores. Sobre o hábito de se manter um diário, Artières sublinha a importância da seleção dos fatos. Para ele, numa autobiografia não apenas se selecionam os acontecimentos como se classifica e ordena a narrativa. Artières sugere que – pelas práticas do arquivamento do eu se destaca o que ele chama “uma intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998).

Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTIÈRES, 1998)

Mergulhar num arquivo é uma aventura de descoberta de novos horizontes baseados, na verdade, em antigos recortes temporais. A opção e escolha de se montar seu arquivo franqueia informações, sentimentos a desconhecidos, como é o caso de pesquisadores em busca de vestígios que permitam um olhar mais próximo de sua fonte. Pode considerar-se que essa busca tem algum elemento fetichista, o de poder ver a intimidade do seu objeto de estudo. A curiosidade obsessiva resultou em alguns anos de conversa com a neta do autor, Sandra Moreyra, que decidiu entregar o arquivo privado à Casa de Rui Barbosa.

Vasculhar a história de vida de um autor permite que se chegue a seu arquivo com muitas dúvidas sobre detalhes de sua trajetória. Uma

das questões que ainda não apareceram nos arquivos é a casa de Álvaro e Eugênia, na rua Xavier da Silveira, 99, em Copacabana. Lá, a exemplo de Aníbal Machado, o casal abria sua casa para convidados, promoviam festas, saraus ou simples encontros de amigos e parceiros.

A documentação de um arquivo pessoal pode ser considerada como uma fonte alternativa, como sugere Bellotto (2007), pois nele encontram-se diversos suportes como papel, fotografias, gravações, filmes, vídeos, que são colecionados pela família ou pelo próprio sujeito ainda em vida. Falar de arquivo e de guarda de documentos é falar de memória. Quando Nora se refere aos jornais como lugares de memória, trata de uma memória nacional que servirá a sujeitos como ponto de referência para construção de alguns projetos. Penso em recortes de jornais como um outro local de memória desta vez pessoal. Um tipo de apropriação desse armazenamento das páginas dos jornais que vai ter uma edição adequada às necessidades do sujeito num determinado momento histórico e pessoal. É sua subjetividade que vai determinar a importância do que ele vai privilegiar.

Quando o historiador define estes locais de memória, aponta para museus, arquivos, cemitérios, festas. Desta perspectiva, aparecem os detalhes, a construção de uma memória particular e individualizada dentro do contexto maior, um local, permitam-me dizer – guarda-chuva, que engloba um conjunto de memórias, o que me leva a pensar como Álvaro recorre à memória pública para montar seu arquivo pessoal. Hoje essa possibilidade de construção de arquivo através de discursos e linguagens públicas aumenta com o uso da internet, dos vídeos, dos sites que guardam preciosas memórias em movimento, como, por exemplo, o You Tube, que nos faz viajar até os primórdios da televisão e aguça uma memória da infância que dificilmente deixa os usuários impassíveis. Os arquivos de nossos contemporâneos certamente terão álbuns diversos de fotografias sempre separados por tema, alguns filmes resgatados dos sites de divulgação de vídeos e comerciais. Mas não faremos exercício de futurologia imaginando com estão sendo montados hoje.

Álvaro era um homem de seu tempo e até à frente de seu tempo. Multimídia, acumulava várias atividades. Além de poeta, editava revistas e escrevia crônicas e artigos. Dedicou-se ao teatro, escreveu músicas, além de ter tido intensa vida social. Em seu arquivo podemos acompanhar os coquetéis e inaugurações que frequentou com sua esposa. Os jantares a que

foram convidados ou que promoveram. Esse lado mundano era bastante enfatizado pelo autor, que colecionava recortes de jornais com fotos do casal nas festas, sempre muito elegantes e acompanhados de amigos.

A representação de sua vida na imprensa aparece como uma ajuda a marcar o que escolheu ser em sua vida: um animado intelectual das primeiras 50 décadas num Rio de Janeiro em profundas transformações. Álvaro nasceu no final do século XIX acompanhando as transformações da virada do século. Em sua autobiografia, relata essa passagem de século que, para ele, deu-se em 1914.

1913 – Foi o último ano do século 19. Em seguida o século 20 inaugurou as suas alucinações. Em 1913, saciei uns desejos românticos: ir à Europa, ver Bruges, morar em Paris...Sendo eu absolutamente do “outro tempo”, nunca mais voltei dessa viagem...” (MOREYRA, 1954:44)

A cidade do Rio de Janeiro dos vinte primeiros anos do século XX fascinava-o especialmente. O gosto pelo belo em todas suas formas, especialmente as formas novas das metrópoles, fascinaram Álvaro. O Rio faz parte de sua vida, o que fica claro não somente na sua autobiografia com referências à cidade como nos recortes de jornal, que mostram o quanto ele participava da vida e dos eventos que agitavam o Rio ao longo de sua vida. Beatriz Resende em **Rio de Janeiro, cidade da crônica** (1995) escolheu um trecho para marcar a intimidade do escritor com a cidade e com seu tempo:

Não seria preciso que surgisse o fake da cidade em que se constituíam os pavilhões da exposição para que tivéssemos uma cidade cosmopolita; basta conferir as descrições que Álvaro Moreyra faz do centro para sentir um perfume estrangeiro por entre as ruas fervilhantes: “A verdadeira capital do Brasil fica entre a rua São José e a rua do Ouvidor...É ali, à sombra dos palácios e das árvores, o agitado mostruário da população carioca”. Seu livro *A cidade mulher*, recolhendo crônicas escritas durante o ano de 1922, abre-se com um texto que pretende definir a terra carioca como uma mulher que conta o tempo às avessas, rejuvenescendo a cada etapa de sua vida política, desde a ‘velhinha tristonha, de nome cristão’, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, dos tempos de colônia, até a menina-moça republicana: Mulher, bem mulher, a mais mulher das mulheres (...) enumera todos os costureiros e chapeleiros de Paris (...) diz de cor a biografia

de todos os artistas de cinema (...) entende de sports como ninguém entende...conversa em francês, inglês, italiano, espanhol (...) Ama os poetas (...) toma chá, com furor (...) E dança tudo (...) É linda! (MOREYRA, ÁLVARO, **A cidade mulher**. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1991:15, in RESENDE, 1995:43)

Dessa discussão sobre escritores e a imprensa, Marialva Barbosa (2007) analisa que os cinquenta primeiros anos do século XX forneciam pistas e vestígios sobre “as relações da imprensa com o público e do público com os meios de comunicação na cidade do Rio de Janeiro”. Este novo cenário em que os meios de comunicação entram para o cotidiano das cidades aponta para novas construções de sensibilidades, entre elas novos locais de afirmação e registro de memórias. Para Marialva, “a mídia se transformou no principal lugar de memórias (2007) das sociedades contemporâneas, e passou a ser a principal testemunha da história”. Se Nora já vaticinou que um fato que não tenha sido publicado não existe, as memórias recortadas de jornais – ou vídeos, ou fotografias – servem como uma segurança – até – da existência de uma vida, e passa servir como outra fonte de pesquisa além de registros em arquivos oficiais.

Estes arquivos afetivos-amorosos entronizam fatos que o proprietário considera como dignos de lembrança. Artières, em seu artigo “Arquivar a própria vida”, faz um histórico do hábito de se escrever autobiografia e manter arquivos pessoais. Lembra que foi a Escola de Chicago que iniciou esta prática, desde 1915, quando William Thomas e Robert Park puseram a autobiografia como ponto de discussão no departamento de sociologia da Universidade de Chicago, sugerindo aos alunos que escrevessem parte de sua história familiar buscando um certo distanciamento de seu objeto de escrita. O autor francês ainda conta que tanto em Chicago como em Londres dos anos 30/40, escrever sobre si ou manter arquivos pessoais ajudou alguns marginais a refletirem sobre sua condição. O ato de confessar ou da exposição parecem ter ajudado a entender e analisar grupos específicos.

O estudo de Artières é especialmente interessante quando se debruça sobre o caso de um criminoso, Emile Nougier, preso no final do século XIX, que resolveu arquivar sua vida espontaneamente e em seguida atendendo a pedido de seu médico. Ele foi acusado do assassinato de uma dona de cabaré e redigiu 21 cadernos como diário pessoal e um relato autobiográfico com seis

cadernos. É o registro de sua história na prisão até a execução em fevereiro de 1900. Artières conclui que “arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte.” (ARTIÈRES⁴)

Em seu trabalho sobre o arquivo de Gustavo Capanema, Priscila Fraiz (**Revista Estudos Históricos**, 1998 – 21: 69) aponta para o fato de que “a construção de um arquivo pressupõe o ato da escrita ou que a escrita precede o arquivo”. Apesar de se tratar de um arquivo oposto ao de Álvaro, já que Capanema tem preocupação clara com a exposição de sua atuação política e profissional, a reflexão de Priscila serve para pensar que “um arquivo implica não só a produção de discursos de seu titular, como também a acumulação de discursos dos outros”. Como Capanema, Álvaro vai construindo sua vida com recortes de jornais e usando como pano de fundo, sombra e até mesmo – ousado dizer – um alter ego – sua esposa. Neste caso, não interessa a Álvaro sua trajetória pública de escritor e jornalista, porém, sua dimensão mais íntima. Perceber como é possível analisar o autor a partir dos documentos de sua companheira, o objeto de sua paixão, um amor que foi ceifado prematuramente.

Cotejar a autobiografia **As amargas não...** e o arquivo pessoal nos remete à força das fontes midiáticas selecionadas por Álvaro. Há uma fita cassete gravada contendo uma conversa com Lydia Maria José Veríssimo; 184 fotografias: 80 de Eugênia, 10 de Álvaro, 39 do casal, 22 da família, uma da casa de Copacabana (Rua Xavier da Silveira, 99); sobre Eugênia, 22; sobre Álvaro, 10; morte de Eugênia, 79; prisão de Eugênia, 4; acidente de Eugênia e Álvaro, 7; teatro, 36. O poeta se utilizava dos recortes de jornais e de novidades tecnológicas, como fotografias para montar sua vida.

Antes de se abusar do termo celebridade, quando ainda era possível frequentar as páginas de jornais pela produção de informação – com reserva para as colunas sociais – o casal Eugênia e Álvaro nos parece midiático. Eram queridos pela imprensa, pelo que se percebe ao ler os jornais guardados no arquivo.

Um dos recortes, assinado por René de Castro, é de uma coluna – “Da minha poltrona” – de jornal não mencionado, mas faz referência à ida do

⁴ ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a Própria Vida**. CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, consultada a versão eletrônica, a 20/05/2009. Acesso em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>

casal a São Paulo. Com uma fotografia de Eugênia Moreyra e legenda com seu nome, o autor anuncia efusivamente a visita dos Moreyra em terras paulistas:

No dia 30 do corrente será a noite de estréia da gente nova inteligente em São Paulo. D.E Álvaro M virá dizer os poemas dos novos, com aquela maneira muito sua que não põe exageros no gesto nem na voz. Sem emphase. Sem interpretação. Ella “diz” e o público inteligente é que interpreta. (...) Álvaro Moreyra, cujo amor por São Paulo augmenta com cada viagem que elle faz, virá também ahi (...) A presença do casal Álvaro Moreyra aqui dará motivo a diversas manifestações sociaes de carinho ao líder da moderna geração intellectual e sua encantadora esposa, que se fez arauto da poesia nova.⁵

Outro recorte elogia a feminilidade de Eugênia, seu talento enquanto declamadora:

Poesia moderna ... com coisas interessantissimas e outras menos interessantes, que muitos lucraram com a maneira de dizer, deliciosa, única, da ilustre senhora, “grande dame” e artista consumada . Sobre sua maneira de dizer tem se manifestado os nossos mais notáveis críticos e escritores do nosso pais. Todos são unânimes em reconhecer na Sra Eugenia Alvaro Moreyra uma extraordinária interprete da poesia moderna e do teatro de avant-garde. Ella não declama (longe disso graças a Deus!): diz, apenas.⁶

Em O trapézio ficou balançando: teatro de Álvaro Moreyra, dissertação de mestrado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, em 1999, Amauri Araújo Antunes faz uma biografia de Álvaro e confirma a boa recepção que o escritor tinha junto a seus pares:

Em 1959 Álvaro foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, tornando-se novamente uma figura bastante conhecida, graças à extraordinária cobertura da imprensa para o evento, imprensa que em grande parte se sentia devedora de Álvaro Moreyra e retribuía-lhe o carinho que tanto tempo dedicou aos “novatos”. Entre seus projetos para a ABL estavam transformar o chá da tarde em uma feijoada popular, admitir mulheres na Academia e arregimentar o Jorge Amado para concorrer a uma cadeira.

⁵ Sem título, nem data. Recorte no arquivo de Alvaro Moreyra (FCRB).

⁶ idem

Entre a correspondência encontrada no arquivo está uma linda coleção de 37 cartões postais com fotografias em preto e branco e algumas colorizadas que Álvaro trocava com a amiga Maria Amélia Azevedo. Outras cartas comoventes são as três de Eugênia enquanto estava na prisão em 1936, devido à militância no Partido Comunista. Todas começam com “saudades”. A carta de 12 de janeiro de 1936 traz um desesperado pedido por cigarros. Pede também que lhe enviem o bordado para poder ocupar seu tempo no cárcere.

Peço, por tudo, que me mandem cigarros. Há mais de uma semana que não tenho nenhum. Preciso também de algum dinheiro para comprar água mineral e laranjas, pois não me adaptei à comida. Manda um vidro com álcool canforado para as picadas de percevejos.⁷

Dezesseis dias depois outra carta segue para Álvaro, na qual pede seu pijama, escolhendo a cor e o modelo. Pede também um advogado. A impaciência toma conta de Eugênia:

Alvinho, quanta saudade. Faz hoje 40 dias que estou longe de casa. [...] precisava de um pijama, o vermelho (mais antigo), linha verde e um retalho para cortar o que estou usando. Eu preciso de um advogado que possa vir para cá, se entender comigo. Só eu mesma poderei indicar como dever ser feita a minha defesa. É um trabalho muito simples mas que pede uma pessoa ativa. Vão muitos beijos e muita saudade para ti para as crianças [...] da tua Eugenia.

Trabalhar em arquivos pessoais é descobrir mais uma faceta do personagem que se procura. O de Álvaro declara o amor dele por Eugênia, que pode ser medido pela quantidade de recortes de jornais sobre a morte da sua esposa: 79, em diversos tamanhos, jornais diferentes, com fotografias, manchetes ou apenas notas de pesar registradas nos jornais da época. Ângela de Castro Gomes, em seu artigo sobre arquivos privados – “Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados”⁸ – aponta para importância da história cultural que se “recusa fundamentalmente à ‘expulsão’ do indivíduo da história” com isso trazendo para o cerne das questões o individual. Nessa nova história das ideias surge a análise das biografias,

⁷ ibid

⁸ in revista Estudos históricos <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf> acesso junho 09

autobiografias e dos arquivos pessoais, que fazem parte do universo da micro-história e abre campo de possibilidades qualitativas para o pesquisador:

[...] estou querendo destacar que, se o boom dos arquivos privados se prende a uma revalorização do indivíduo na história e, por isso, a uma revalorização da lógica de suas ações — pautadas em intenções que são escolhas em um campo de possibilidades que tem limites mas oferece alternativas —, não apenas a história cultural está no centro dessa transformação, mas igualmente uma «nova» história política e uma «nova» história social, cujas fronteiras são fluidas e móveis. Assim, os laços entre uma «nova» história política, social e cultural, no Brasil, são indissociáveis da própria materialização, em arquivos privados, de uma boa parcela de suas fontes, que passaram a exigir novos procedimentos tanto de arquivamento quanto de pesquisa historiográfica.
(GOMES, 1998)

Ângela trava um diálogo com a literatura e acredita que a história ganha um campo de interesse fascinante ao entrar nos arquivos pessoais:

Este é o grande feitiço do arquivo privado. Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma «verdadeira»: aí ele se mostraria «de fato», o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. A documentação dos arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens e não de nomes. (idem)

Álvaro Maria da Soledade da Fonseca Vellinho Rodrigues Moreyra da Silva nasceu em Porto Alegre em 23 de novembro de 1888 e morreu no Rio de Janeiro dia 12 de setembro de 1964. Sua primeira publicação foi um livro de poesia, **Degenerada**, em 1909. A escrita sempre foi sua função primordial: bacharel em Ciências e Letras no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo no Rio Grande do Sul, em 1907. Moreyra sai do Sul em 1910, vai estudar no Rio de Janeiro, mas desde então colaborava para os jornais gaúchos **Petit Journal**, **Jornal da Manhã** e **Correio do Povo**.

No Rio de Janeiro consagrou-se como escritor, poeta, jornalista, cronista dirigente e fundador de revistas. Colaborou com as revistas **Fon-Fon** e dirigiu as revistas **Para Todos**, **Dom Casmurro**, **O Malho**, e **Ilustração Brasileira**.

Como jornalista escreveu na **Bahia Ilustrada**, **A Hora**, **Boa Nova**, **Ilustração Brasileira**, **Diretrizes** e **Para Todos**. Já nas décadas de 1910 a 1930 publicou os livros de crônicas **Um sorriso para tudo** e **Tempo perdido**, entre outros. Entre 1924 a 1958 publicou várias obras, entre as quais **Cocaína** e **Havia uma oliveira no jardim**. Em 1937 criou a Companhia de Arte Dramática Álvaro Moreyra com sua primeira mulher, Eugênia Moreyra. Em 1939, foi preso por motivos políticos, durante o governo de Getúlio Vargas. Entre 1942 e 1951 trabalhou como apresentador de crônica, na Rádio Cruzeiro do Sul e nos programas Folhas Mortas e Conversa em Família, na Rádio Globo, no Rio de Janeiro. Em 1959 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra poética inclui os livros **Casa desmoronada** (1909), **Elegia da bruma** (1910), **Legenda da luz e da vida** (1911), **Lenda das rosas** (1916), **Circo** (1929) e o póstumo **Cada um carrega o seu deserto** (1994).

Artigo recebido em: 02/05/2011
Aceito para publicação: 02/10/2011

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Amauri Araújo. **O trapézio ficou balançando**: teatro de Álvaro Moreyra. Dissertação de Mestrado apresentada ao IEL, da UNICAMP, 1999.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricos <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf> acesso junho 09

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007.

GOFF Jacques et NORA, Pierre (org). **Faire de l'histoire: nouveaux problèmes**. Paris: Gallimard, 1974.

GOMES, Ângela Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados**. Estudos Históricos <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf> acesso junho 09

MOREYRA, Álvaro. **As amargas não...** Rio de Janeiro: Lux, 1954.

RESENDE, Beatriz. Rio de Janeiro, cidade da crônica. In: RESENDE, Beatriz. (org) **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

ZILBERMAN, Regina. Alvaro Moreyra. **Letras Rio-Grandenses**, nº 5, Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 1986.